

Ela lembra ainda que ela e Pedro foram excluídos de grupos de jovens e impedidos de fazer trabalhos voluntários com outros jovens com a justificativa de que não eram exemplos a serem seguidos. O processo serviu, ao menos, para unir ainda mais o casal — um buscava apoio no outro.

A dicotomia nas escolhas de Luiza mostram como é complicado instruir jovens através do medo e das proibições. Segundo os ensinamentos religiosos que ela seguia, o sexo antes do casamento não deveria ser permitido, mas o desejo, os hormônios e, por que não, o amor, falaram mais alto. O medo do julgamento não impediu o casal de ter relações sexuais, mas influenciou no não uso da contracepção.

“Fiquei com muito medo por tudo que ouvimos. É sempre aquele terrorismo de que a sua vida acabou e seus sonhos não são mais possíveis. Mas com apoio e auxílio, isso não precisa ser a realidade”, acredita.

Assim como Raíssa, a advogada e o então namorado e atual marido encontraram suporte para terminar os estudos e se estabelecer na vida. O casal escolheu não se casar na época, pois queria que o enlace fosse uma escolha e não uma imposição da gravidez.

Alguns anos depois, eles se casaram e, hoje, além de Henrique, são pais de Nina Takatsu Lafetá, 5, fruto de uma gravidez planejada. Os dois percebem as diferenças nas duas experiências e buscam uma forma saudável, sem medo e sem julgamentos, de tratar a sexualidade com o filho pré-adolescente.

Eles buscam deixar claras as dificuldades e a importância do sexo com proteção, mas fogem da abordagem mais tradicional. “Não podemos dizer para ele que a vida vai acabar se ele olha para nós e enxerga uma família feliz. Por mais que sejamos exceção e ele veja as dificuldades, quando existe apoio e suporte, as coisas podem ser muito menos sofridas.”

RADIOGRAFIA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

No Brasil

- Pesquisa feita com **11,8 milhões** de estudantes de 13 a 17 anos mostra que **35,4%** deles já haviam tido sua iniciação sexual, sendo que **40,9%** não fizeram o uso de preservativo na última relação.
- Entre as meninas que já haviam iniciado a vida sexual, **7,9%** engravidaram alguma vez na vida.
- Entre os estudantes da rede pública, esse percentual foi de **8,4%**, enquanto nas escolas da rede particular foi de **2,8%**.
- Do ponto de vista regional, o maior percentual de gravidez foi registrado entre as escolares da Região Nordeste (**10,9%**), cujo percentual no estado de Alagoas atingiu o índice de **15,3%**.
- Por outro lado, a Região Sul apresentou o menor percentual de gravidez na adolescência (**5%**) e o estado de Santa Catarina registrou o menor percentual (**3,7%**).

- São vários os fatores que estão associados aos casos de gravidez na adolescência; contudo, a condição socioeconômica, as relações familiares, os contextos de violência, entre outros, são aspectos que aumentam a vulnerabilidade social e a exposição aos comportamentos sexuais de risco.

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019

No mundo

- **45%** das mães adolescentes de primeira viagem são crianças elas mesmas, ou seja, têm 17 anos ou menos.
- **50%** de todos os partos de adolescentes ocorrem em meninas que começam a ter filhos na infância.
- **54%** de todos os partos não primogênicos de mães adolescentes são partos de repetição rápida.

Fonte: Dados do relatório do Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa) de 2022

Responsabilidade dividida

Após o primeiro susto, Luiza começou a procurar opções para a contracepção e tentou usar dois tipos diferentes de dispositivo intrauterino, mas seu organismo não se adaptou. Ela e Pedro optaram pela camisinha e, hoje, ele é vasectomizado. Ao conversar sobre

as formas de proteção com o filho, o casal explica para Henrique a importância de não deixar que a responsabilidade da contracepção fique toda em cima da parceira.

Claro que o uso da camisinha, não somente para contraceptivo, mas também como proteção contra infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), é uma prioridade, mas levando em consideração a própria experiência, o casal acredita que

é importante ter também outras maneiras de proteção contra a gravidez indesejada.

“Fiquei animada com essa nova possibilidade de um anticoncepcional masculino e, com certeza, vou querer que meu filho tenha acesso. Buscamos criar nosso filho com o máximo de feminismo possível, e isso inclui puxar a responsabilidade para si e dividi-la com as mulheres”, acredita.

